

O ESTADO DA ARTE EM ÉTICA EMPRESARIAL

José Antonio TRASFERETTI
(PUC-Campinas)

RESUMO

O texto procura discutir o estado da arte em Ética Empresarial para aprimorar o campo das pesquisas e da prática social neste ramo tão complexo do saber. A Ética Empresarial surge no momento atual como uma forma significativa para aplicar os conceitos de ética no mundo dos negócios. Numa sociedade cada vez mais globalizada a Ética Empresarial torna-se um conceito extremamente importante para garantir o mínimo de seriedade nos comportamentos sociais envolvendo a comunidade produtiva.

Palavras-chave: Ética, Empresa, Sociedade.

1. INTRODUÇÃO

A filósofa Jacqueline Russ em seu livro “Pensamento Ético Contemporâneo” questiona a possibilidade de existência de uma “ética dos negócios” pois segundo ela na “esfera dos *business* todos os golpes parecem permitidos, dado que a preocupação fundamental de uma firma é, por definição, sua sobrevivência” (RUSS, 1999, p.158).

Segundo Victor Scherrer citado por Jacqueline Russ foi ao fim dos anos 60 que a ética da empresa começa a se desenvolver, de modo especial nos Estados Unidos. Devido a uma série de problemas morais nas empresas sentiu-se a necessidade de uma reflexão ética sobre o comportamento de empresários e trabalhadores. Nos anos 80, a reflexão sobre a ética dos negócios ganha as academias, tendo, inclusive, sendo aberto em *Wall Street*, sob a direção dos jesuítas, um centro de reflexão moral para os banqueiros católicos. Em 1985 segundo Scherrer, citado por Russ, “mais de 500 cursos sobre o tema se organizam nas *business schools* e mais de 40.000 estudantes se inscrevem neles. Mais de $\frac{3}{4}$ das grandes empresas dos Estados Unidos teriam, assim, um código de conduta e instaurariam comitês de ética” (RUSS, 1999, p.159). Também na Europa, nos grandes centros acadêmicos, surgem estudos sobre ética dos negócios. Jacqueline Russ se pergunta como interpretar esta febre? Afirma a filósofa: “quando a empresa está em busca de alma, que significam esta ética dos negócios e essa preocupação espiritual? Por que esta busca de regras de conduta para os protagonistas da esfera das empresas?” (RUSS, 1999, p.160).

Com a globalização a preocupação com a ética empresarial aumentou. Empresas de todas as partes do mundo buscam uma atitude mais ética em seus comportamentos em sociedade. O comportamento ético tornou-se a base da seriedade e competência de uma empresa. Neste mundo globalizado os caminhos mudaram. Não existe mais um “eu” a ser preservado. Para Otavio Ianni, vivemos numa era de economias-mundo. Assim diz: “a história moderna e contemporânea pode ser vista como uma história de sistemas coloniais, sistemas imperialistas, geoeconômicos e geopolíticos. Cujo cenário da formação e expansão dos mercados, da industrialização, da urbanização e da ocidentalização, envolvem nações e nacionalidades, culturas e civilizações” (IANNI, 2000, p.30). O mundo está cada vez mais global. Exerce papel importante o fluxo do livre comércio, capital informação e tecnologia.

Entretanto, quanto mais nações estiverem ligadas à economia mundial, maior será o consumo dos produtos, a troca das experiências, o crescimento do mercado. Para Ianni, “por economia mundial entende-se a economia do mundo globalmente considerado, ‘o mercado de todo o universo’, como já dizia Sismondi. Por economia-mundo, termo que forjei a partir do alemão *Weltwirtschaft*, entendo a economia de uma porção do nosso planeta somente, desde que forme um todo econômico” (IANNI, 2000, p.30). Pois bem, apesar de já estarmos vivendo numa economia globalizada com sérias conseqüências para o mercado global, a ética empresarial em nível de pesquisas e estudos está distante da realidade. As empresas ainda não conseguiram equacionar corretamente suas preocupações naturais com o lucro e a qualidade ética de suas ações. Nossa pesquisa mostrou que nos locais pesquisados ainda são poucos os livros disponíveis nas bibliotecas e o estudo da ética empresarial não tem sido dos mais frutíferos.

O Caderno de Resumos do *VII Encontro de Iniciação Científica* da PUC-Campinas mostra que não existe nenhum estudo nesta área. Os professores da área de Contabilidade, Economia e Administração não têm desenvolvido temas na área de Ética Empresarial. Com isto os próprios alunos perdem uma excelente oportunidade para desenvolver seus conhecimentos. No mundo atual, os comportamentos das empresas são questionados pela comunidade. A sociedade quer saber qual tem sido a colaboração das empresas para uma série de questões relevantes. Assim, diz o professor Hilário Franco, “atualmente, as empresas são questionadas pela comunidade, que deseja ser informada sobre os assuntos políticos, ecológicos e morais, tais como poluição, desperdícios de recursos naturais, vantagens tiradas de crises, abuso de autoridade, segurança de usuários e consumidores, qualidade de vida, pagamentos inadequados, corrupção, manipulação subliminar, sexismo, racismo, apoio a certos regimes políticos e, especialmente, benefícios pessoais por administradores e executivos que colocam seu próprio interesse à frente dos investidores” (FRANCO, 1999, p.354). Ora, esta atitude da comunidade, questiona as práticas empresariais e suas responsabilidades para com o desenvolvimento do

planeta em seu conjunto. O mundo empresarial possui um compromisso com o planeta. As relações empresariais estão diretamente ligadas às transformações sociais e humanas. Sua presença entre nós gera expectativas, mudanças, trocas de conhecimento. Neste mundo marcado pela competição, busca do lucro, fortalecimento do mercado, a ética empresarial precisa ocupar o seu espaço como instância crítica de um ambiente normalmente hostil às boas regras de conduta. Tarefa nada fácil, mas ao mesmo tempo, fascinante. Espero que esta pesquisa tenha contribuído para mostrar nossas carências e necessidades. Desafio para todos!

1.2 - Objeto da Pesquisa

- Levantamento bibliográfico sobre Ética Empresarial, através do “Estado da Arte” pesquisado em duas bibliotecas de Universidades;
- Levantamento bibliográfico em geral sobre Ética Empresarial como referencial teórico no campo da Filosofia;
- Apontar os resultados como perspectivas de um tema-estudo que venha solidificar o campo da Filosofia.

1.3 - Justificativas

A pesquisa centra-se em montar um estudo sobre tudo que já foi abordado na área de Ética Empresarial, no campo bibliográfico e publicado no Brasil. Assim, pontuamos a relevância deste tema e sua implicabilidade na sociedade pós-moderna.

Fizemos uma pequena separação entre ética e moral no campo da definição para podermos aplicar esta distinção na abordagem da ética ou da moral empresarial. Klaus Leisinger e Karin Schmitt (2001) em seu livro sobre Ética Empresarial assim definem os termos: “moral empresarial é o conjunto daqueles valores e normas, que, dentro de uma determinada empresa, são reconhecidos como vinculantes. A ética

empresarial reflete sobre as normas e valores efetivamente dominantes em uma empresa, interroga-se pelos fatores qualitativos que fazem com que determinado agir seja um agir “bom”.

Deste modo, “como ética aplicada ela tem como meta estabelecer, através do acordo com as pessoas atingidas pelo agir empresarial, normas materiais e processuais que foram postas em vigor na empresa como possuindo caráter vinculante (LEISINGER; SCHMITT, 2001). Com isso visa-se restringir os efeitos conflituosos do princípio do lucro na direção das atividades empresariais concretas. Em sentido amplo este modo de pensar baseia-se na idéia de um contrato social segundo o qual os membros da sociedade se comportam de uma maneira harmoniosa, levando em conta os interesses dos outros” (LEISINGER; SCHMITT, 2001).

As mesmas metas primárias que são colocadas para as pessoas individuais valem para as empresas, ou seja, a de sua existência, a de sua liberdade de ação e a de sua solidariedade, entendida no sentido de cooperação. Por isso, a ética empresarial necessariamente se refere àquele conjunto de ações e medidas que podem ser harmonizadas com a garantia de existência da empresa no mercado, ou que a põem em risco. As pessoas individuais bem como as empresas precisam de liberdade de ação. Mais do que liberdade precisa de criatividade para que suas propostas e objetivos se concretizem efetivamente.

Nesta sociedade complexa, onde os valores e as conjunturas mudam rapidamente, as empresas e seus agentes precisam encontrar maneiras de se adequarem as graves transformações sociais e culturais. A empresa não pode esquecer do bem comum como meta prioritária. Além do seu próprio interesse ela precisa estar aberta à solidariedade e a cooperação com as pessoas. Ela possui uma responsabilidade social que não deve em hipótese alguma ser escamoteada. Entretanto, afirma Leisinger e Schmitt (2001), “a ética empresarial e as exigências dela derivadas não põem em xeque a tarefa econômica fundamental das

empresas. Elas são o elemento adicional que serve para estabelecer o critério de 'moralidade' para o desempenho desta tarefa".

Por um lado, os critérios éticos "confluem no processo de formação das metas empresariais e no estabelecimento das prioridades, por outro, a maneira de alcançar as metas estabelecidas está sujeita a uma análise qualitativa através dos questionamentos éticos" (LEISINGER; SCHMITT, 2001). Neste sentido, a empresa deve cuidar dos seus próprios interesses, mas também dos interesses da coletividade estabelecendo critérios normativos de uma ação prática que beneficie a todos.

Por isso, optamos para conhecer como anda a produção bibliográfica no Brasil e sua distribuição nas bibliotecas, utilizando o "estado da arte". No primeiro momento fizemos uma revisão de literatura, na área de ética empresarial e posteriormente o registro nas bibliotecas das Universidades.

1.4 - Metodologia

O presente artigo é uma pesquisa qualitativa com métodos quantitativos, dentro do objetivo do Estado da Arte em Ética Empresarial, no qual pretende-se quantificar o número de livros, no Brasil, sobre este assunto. Utilizamos também técnicas de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

O artigo, **O Estado da Arte em Ética Empresarial**, apresenta objetivos bem específicos. Naturalmente que cada estudo tem seu objetivo. No entanto, como explica (SELLTIZ, 1974) "podemos pensar que os objetivos de pesquisa se incluem em certo número de amplos agrupamentos: 1) familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, freqüentemente para poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou criar novas hipóteses; 2) apresentar precisamente as características de uma situação, um grupo ou um indivíduo específico (com ou sem hipóteses específicas iniciais a respeito da natureza de tais características); 3) verificar a freqüência

com que algo ocorre ou com que está ligado a alguma outra coisa (geralmente, mas não sempre, com uma hipótese inicial específica); 4) verificar uma hipótese de relação causal entre variáveis". Disso decorre que os planejamentos de pesquisa variam de acordo com o objetivo da pesquisa.

Neste caso, optamos por determinar o "estado da arte" que tem o objetivo de "trabalhar e descrever o estado atual de uma dada área de pesquisa: o que já se sabem, quais as principais lacunas, onde se encontram as principais entraves teóricos e/ou metodológicos" (LUNA, 1998, p. 82). Nosso artigo trata, justamente, do estado da arte em Ética Empresarial para se tentar descrever o estado atual da área, no sentido teórico. Já no sentido empírico procuramos visitar duas bibliotecas de Universidades - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) - para demonstrarmos o que existe de bibliografia na área.

Em filosofia, o tema Ética é fundamental não só como suporte teórico, mas também como elemento presente nos mais variados campos, inclusive, nas empresas. No entanto, como o assunto ainda parece em desenvolvimento em alguns centros de pesquisa, optamos por esboçar um estado da arte para valorizar o referencial e legitimar o estudo. De acordo com Luna, o "estado da arte" tem a proposta também de atualizar os pesquisadores sobre os diversos assuntos, neste caso aqui, em ética empresarial.

"Entre as muitas razões que tornam importantes estudos com esse objetivo, deve-se lembrar que eles constituem uma excelente fonte de atualização para pesquisadores fora da área na qual se realiza o estudo, na medida em que condensam os pontos importantes do problema em questão" (LUNA, 1998, p. 83).

Portanto, **O Estado da Arte em Ética Empresarial** vem apontar resultados muito interessantes que contribuem para o desenvolvimento da deste assunto na Faculdade de Filosofia.

2. ÉTICA E MORAL

Os termos “moral” e “ética” se confundem. Muitas vezes estes termos são aplicados como sinônimos. Mas, na realidade, não o são. Por “moral” entendemos determinadas normas que orientam o comportamento prático - sobretudo, para com o próximo, mas também para com a natureza e para consigo mesmo.

A “ética” como ciência, ocupa-se com o tema de maneira descritiva e comparativa, mas também como uma avaliação crítica da moral. O termo “ética”, com o qual indicamos a reflexão ou o saber sobre o “*ethos*”, tem origem grega. Aristóteles, que o introduziu na filosofia ocidental, julgava desnecessário demonstrar a existência do “*ethos*”. Ela é evidente. O ser se manifesta não apenas na natureza, mas também na ação ou práxis humana: no *ethos* - hábitos, costumes, instituições - produzidos pela sociedade. O “*ethos*” refere à “morada” e à organização de um povo ou de toda a sociedade. Diferentemente da natureza, caracterizada pela necessidade e pela repetição do mesmo, o “*ethos*” é espaço de liberdade, de diferença.

Na concepção clássica, depois de assumida pelo cristianismo, a liberdade não é meramente subjetiva. Toda pessoa humana busca sua felicidade. Para Aristóteles, a felicidade consiste em buscar a sua própria realização enquanto ser humano, não somente em realizar o seu gosto de forma arbitrária. O bem maior para ele é à busca da felicidade em perspectiva social, ou seja, a felicidade do indivíduo está diretamente ligada à felicidade dos cidadãos, do coletivo. Na verdade é o próprio “*ethos*” da sociedade em que vive (seus costumes, suas leis, suas instituições) que indica o que é correto.

Na civilização ocidental e nos primeiros séculos cristãos a ética conheceu desdobramentos que convém ressaltar. O primeiro ponto da dimensão ética é a dimensão propriamente humana da existência. A pessoa humana não vive sem a natureza, nem sem o trabalho e a técnica, com que configura a seus fins a matéria. Mas é no agir livre, em busca de sua realização pessoais e sociais, que o ser

humano expressa o que lhe é próprio e exclusivo, o que constitui sua dignidade e o sentido de sua vida.

Neste sentido, toda cultura está permeada pela dimensão ética. Disso resulta evidente que a práxis humana não se limita a reproduzir a natureza, ou a produzir obras e comportamentos “naturais”, mas cria valores e símbolos. Neles, a humanidade expressa não apenas o que é, mas o que deve ser. A dimensão ética da cultura, sempre presente, tem sido explicitada e formulada de várias maneiras. Entre as mais antigas expressões da ética estão o mito e a crença. Recolhem as evidências éticas de um povo, sua tradição e sabedoria de vida, e as recobrem do prestígio do sagrado, de um poder divino legislador e julgador, que garante a objetividade e a força das normas. Todos os povos expressam, de alguma forma, sua concepção ética e é certamente a religião a forma mais comum e de maior autoridade, que legitima e conserva o “*ethos*”.

A ética, contudo, caminhou para a autonomia, distinguindo-se do religioso e do sagrado, especialmente na época moderna. Este processo de secularização representou uma grave crise da ética tradicional, ainda não resolvida. Este esforço de reflexão crítica vai esbarrar, desde cedo, com o conflito entre a exigência da universalidade da razão e a descoberta da diversidade e relatividade das culturas e instituições. Como reconduzir costumes diferentes aos mesmos princípios racionais e universais?

O problema torna-se ainda mais visível se considerarmos a distinção de dois aspectos da ética. Considerando a ética como ciência da ação (ou práxis) individual, o problema maior é o da razão que deve iluminar a liberdade do indivíduo e levá-lo a sua realização plena, à sua perfeição ou felicidade. Este primeiro aspecto da ética é designado por alguns como “moral” ou como problema da “moralidade”. Num segundo aspecto, considerando a ética como ciência da ação comunitária, ou da ação política, o problema maior é o de mostrar racionalmente a lei ou a ordem social que possa ser aceita livremente e reconhecida por todos como justa (CNBB, pp. 9-11).

2.1 - Ética empresarial

Podemos afirmar que até os anos 50, o conceito de “ética empresarial” não havia penetrado nos estudos acadêmicos e na linguagem comum da sociedade. Os aspectos morais das atividades econômicas eram abordados, quando o eram, no contexto da ética social, girando, sobretudo, em torno das questões trabalhistas. Foi o Papa Leão XIII com sua encíclica *Rerum Novarum* (1891) quem abordou inicialmente estas questões. Foi uma encíclica pioneira neste campo. Posteriormente, outras encíclicas papais abordaram questões deste teor. Só pelo final dos anos 60, as relações entre economia e sociedade atingiram um público mais amplo, o que possibilitou uma ampliação dos conceitos. Além da preocupação com o direito dos empregados, surgiram as questões em torno do direito das minorias, das mulheres, da proteção ambiental, da saúde, da segurança e tantas outras. O crescimento das novas tecnologias, dos sistemas de comunicação mundial, da globalização econômica e cultural também possibilitou um interesse maior pelas questões éticas no campo da economia e suas complexas relações.

A partir dos anos 60, não somente a economia tem sido abordada pela ética, mas todo agir social que possui alguma relevância tem sido submetido a uma reflexão de caráter ético. Toda instituição ou profissão com destaque na sociedade tem se preocupado com a aplicação da ética em suas funções. Desta maneira surgiu, no dizer da filósofa Jacqueline Russ, as éticas aplicadas, tais como: “ética ambiental”, “ética da mídia”, “ética da pesquisa”, “ética da política” e também a “ética empresarial”, ou ainda a “ética dos negócios”. De certa maneira, vemos nisto um sinal da necessidade de uma parada institucional, de uma reflexão e de um questionamento. Estamos realmente precisando pensar nossa sociedade e nossas ações sociais em bases éticas. Nunca a ética foi tão importante para a vida social. Sabemos que a moral de um povo é marcada por sua tradição e por sua cultura. Deste modo, as pessoas que atuam na economia são marcadas pela cultura, e, por conseguinte, também pelos conceitos morais do seu contexto. Segundo

Louis von Planta, “dentro de uma esfera cultural, ainda é viável estabelecer regras de comportamento moral e dar-lhes uma interpretação ética. Mas, com a quebra das barreiras e com a tendência para a criação de sociedades multiculturais, como também com a globalização que isto trouxe para a economia, as diferentes esferas culturais entram em choque umas com as outras, o que se manifesta de maneira particular no terreno da ética empresarial. Por um lado, isto nos força a respeitar as culturas dos outros, mas, por outro lado, também a manter de pé as bases de nossa própria cultura” (LEISINGER; SCHMITT, 2001, p. 09).

A grande dificuldade reside na aplicação dos princípios éticos em nosso cotidiano comercial. Atualmente, o indivíduo não está isolado do contexto social, sendo que o mercado é altamente moldado pela competição e pelo lucro desenfreado. A rápida e profunda transformação e a competição, muitas vezes, exagerada pela conquista de mercados, estão modificando os padrões de produção e organização do trabalho. De acordo com Corrêa (2001), “existem, em relação ao sistema capitalista de produção, duas versões diferentes sobre mudanças no processo produtivo. Uma que enfatiza a capacidade transformadora do capitalismo e outra que, em vez disso, enfatiza sua capacidade destrutiva. Mas o que há de novo, no atual processo de transformação, é o papel que desempenham o conhecimento e a informação, na própria produção e no consumo, explicitando que as mudanças na sociedade atual estão, também, intimamente vinculadas às novas tecnologias da informação”. Porém, as novas formas de organização produtiva necessitam de uma organização mais aberta, ampla, com poderes de decisão nas unidades locais e com a inteligência distribuída de forma mais homogênea.

Geralmente, sabemos que os trabalhadores são envolvidos de forma sutil ou mesmo, abertos, a entrarem no mercado com o desejo afinado de estabelecer vínculos de negócios onde nem sempre a ética fala mais alta. Talvez, deveríamos fazer a pergunta fundamental: como combinar êxito comercial com os princípios morais? Louis van Planta, afirma: “na maioria das empresas multinacionais, à vontade de se

comportarem de uma maneira capaz de ser eticamente legitimada é hoje claramente considerada como constituindo parte essencial de sua política de negócios. Alguns estados passaram mesmo a legislar sobre o tema. Estes esforços, no entanto, não fizeram grandes progressos, pois não se trata dos valores morais básicos a respeito dos quais em maior ou menor medidas todos estejam de acordo, mas sim, de transportá-los para a vida diária. Na maioria dos casos, esta transposição não ocorre nas diretorias e sim nos colaboradores que atuam 'na linha de frente', os quais muitas vezes se vêem num fogo cruzado entre o êxito comercial e os princípios morais. São, pois, os colaboradores que em seu dia a dia têm que interpretar as normas do comportamento ético. E aqui se torna evidente que - faltando ao indivíduo o pensamento ético - o dinheiro fala mais alto do que a moral" (LEISINGER; SCHMITT, 2001, pp. 09-10).

Deste modo, podemos afirmar que é necessário um trabalho sério de educação de base que não deve começar somente nas empresas, mas também na família, na escola, nas universidades, nas igrejas e em todas as instituições que exercem poder formativo sobre as pessoas. Pois, a convivência social enfrenta, na sociedade contemporânea, fatores comprometedores. Duas das idéias básicas que definiram a formação do cidadão durante o século XX - democracia e nação - acham-se hoje em processo de revisão. "Inúmeras análises da realidade política contemporânea identificaram os principais aspectos dessa crise, acentuada depois do otimismo generalizado que se seguiu à queda do Muro de Berlim" (CORRÊA, 2001).

Em termos sintéticos, essas análises sugerem que, ao "desaparecer o antagonismo entre dois sistemas políticos incompatíveis, as opções políticas com que o cidadão se defronta são pontuais e não globais". Outra questão importante em que o indivíduo enfrenta hoje é chamado de "*deficit* na socialização", característico da sociedade atual. "Vivemos um período no qual as instituições educativas tradicionais, particularmente, a família e a instituição de ensino, estão perdendo a capacidade de transmitir com eficácia valores e normas culturais de

coesão social” (CORRÊA, 2001). Portanto, a ética enquanto espaço de crítica e de formação pessoal é fundamental para o futuro da humanidade.

Neste sentido, é preciso refletir sobre a responsabilidade social das empresas; aprofundar a ética enquanto formadora de “empresas cidadãs”; descobrir o papel da ética do mundo das empresas e dos negócios; analisar as relações entre ética e a prática comercial-lucrativa; o papel das empresas com o futuro do planeta; aprofundar a relação entre trabalho profissional e postura ética; aprofundar as relações entre ética individual e coletiva. Estes tópicos são elementos que devem orientar os estudos no campo da Ética Empresarial nos próximos anos.

2.2 - Ética empresarial: pessoa e sociedade

Já citamos acima que as mesmas metas primárias que são colocadas para as pessoas, como indivíduos, também devem valer para as empresas. Porém, esta premissa não é aplicada na prática. Nos últimos 25 anos as empresas adquiriram direitos e deveres que antigamente só eram atribuídas as pessoas físicas. Dentre muitos, poderíamos indicar os seguintes:

- Empenhar-se e engajar-se a curto e em longo prazo pelo bem da empresa;
- Cuidar com responsabilidade da segurança e previdência de colaboradores e colaboradoras;
- Levar em conta da maneira mais ampla possível os interesses do mundo ambiente;
- Levar em conta da mais ampla possível os desejos dos consumidores;
- Produzir e oferecer a preços razoáveis produtos e serviços que sejam úteis, seguros, saudáveis e, sob o aspecto qualitativo, os melhores possíveis;

- Criar ou pelo menos manter vagas de trabalho;
- Engajar-se em favor do contexto social, apoiar as comunidades e assumir responsabilidade social, bem como, ultimamente em medida cada vez maior;
- Levar em conta os interesses de curto e longo prazo dos acionistas da empresa (LEISINGER; SCHMITT, 2001, pp. 24-25).

Estes pontos podem e devem inspirar as ações de uma empresa, pois além de conseguirem ampliar seus negócios estarão contribuindo com o bem estar da humanidade. Tentando colocar em prática estes ideais, a empresa e seus dirigentes estão equacionando do melhor modo possível aquilo que parece ser a tarefa mais difícil, ou seja, harmonizar a prática comercial-lucrativa com o agir moralmente bom.

O filósofo social Romano Guardini expressa muito bem nossas preocupações quando afirma: “Mas da essência de toda proposta realmente prática faz parte que ela seja exequível, isto é, que precise concretizar-se. Tentemos, portanto. Mesmo correndo o risco de que ela possa ter um colorido ‘moral’. Na verdade, mesmo os ‘realistas’ mais sóbrios, assim como os realizadores mais desvinculados de todos os ‘preconceitos’, contam com a existência de um número suficiente de pessoas que vivam a partir da moral, já tão desacreditada; pois são estas, e não os ‘espíritos livres’, que sustentam a existência” (LEISINGER; SCHMITT, 2001, p. 15).

Portanto, são muitos os pontos em que a ética empresarial se faz importante e relevante sob o aspecto do avanço da sociedade tecnológica e das mudanças da política, relação de trabalho das empresas, etc. A ética tem um importante papel a cumprir no mundo dos negócios. Na verdade, ela cumpre a função de ser formadora de cidadãos responsáveis, enaltece a responsabilidade como espírito empreendedor. Como crítica social e comportamental são fundamentais para o desenvolvimento social. Um país não se desenvolve sem ética social. A educação da cultura é parte intrínseca da atividade ética.

2.3 - Ética empresarial e globalização

Qual a relação entre a globalização e a ética empresarial? Esta pergunta permeou meus pensamentos enquanto desenvolvia esta pesquisa. A ética neste caso busca um caminho de regulamentação no mercado globalizado já que os conflitos determinam os passos neste campo. Para nós, a globalização é entendida como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDENS, 1991, pp.69-70).

Entretanto, surgiu um momento em nossa sociedade que as pessoas procuram o diálogo como forma comunicativa encurtando os caminhos. Com a globalização surgem novos caminhos, novos relacionamentos, novas perspectivas. Com o intuito de aproximar, integrar as diversas formas de vida, a globalização também trouxe o seu revés, ou seja, impôs uma “economia global”, onde a acumulação capitalista surge como marca primeira.

Uma das características do mundo atual é o seu estado permanente de mudança. As pessoas precisam aprender a se locomover neste mundo aceitando o seu movimento constante como um elemento constitutivo do seu novo *ethos*. Atualmente, percebemos que as relações deixaram de ser exclusivamente um conglomerado de “nações”, “sociedades nacionais, ou mesmo” “estado-nações”, que viviam isoladas independente dos sistemas adotados. Todos estes sistemas e formas diferentes de ser e de se relacionar com o mundo foram substituídos pela chamada “sociedade global” para usar uma expressão de Otávio Ianni. Segundo o professor Ianni “a descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território, no qual, todos se encontram relacionados e atrelados, diferenciados e antagonicos - essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza. Trata-se de uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções,

abalando não só as convicções, mas também as visões de mundo” (IANNI, 2000, p. 13). Neste sentido, para este autor a terra mundializou-se, ou seja, deixou de ser um conglomerado de países dispersos para adquirir uma configuração unitiva, global. Desta nova configuração surgem também novas denominações, formulações e responsabilidades.

Sem dúvida, para a ética empresarial, esta nova configuração do mundo apresenta-se como um grande desafio. Pensadores como Hans Küng, Leonardo Boff, Karl Jaspers, Hans Jonas, Dieter Henrich, Vittorio Hösle e tantos outros têm chamado a responsabilidade para uma ética que pense este mundo globalizado, com responsabilidade. É preciso salvar o planeta. A ética empresarial, neste ponto, adquire uma importância muito grande na medida em que procura pensar as grandes questões do mundo da economia que movimenta esta sociedade. Hans Küng em seu livro, “Projeto de Ética Mundial”, apresenta as bases para uma ética preocupada com o planeta em suas questões mais básicas. Para este autor, uma ética global com o seu inequívoco viés econômico deverá afrontar as grandes questões da humanidade.

A ética empresarial precisa pensar na sobrevivência do planeta, sobretudo, daqueles que mais sofrem. Para Hans Küng é preciso enfrentar os dramas do mundo atual. A ética não pode se omitir neste momento tão doloroso para o planeta. Afirma o autor que “é preciso encontrar uma resposta a essa situação de transformação” (KÜNG, 1992, p. 45). A ética empresarial poderá ajudar e muito nesta resposta, pois suas preocupações invadem o campo da economia, dos negócios, do mercado. Se a globalização tem como centro de sua ação a unificação dos mundos a partir do mercado, a ética deve iluminar este campo, oferecendo sua contribuição para uma ação eficaz que priorize os verdadeiros valores humanos e planetários. Certamente, um longo caminho deverá ser percorrido.

2.4 - Ética empresarial e responsabilidade social

A ética está diretamente relacionada à convivência humana, pois reflete criticamente sobre nossos comportamentos práticos. São

justamente os problemas da convivência humana que despertam a reflexão da ética enquanto ciência do agir moral. A ética é extremamente necessária para regular e manter a vida humana em harmoniosa convivência, pois possui uma postura crítica diante da sociedade. A ética se faz necessária porque os seres humanos não vivem isolados. Os seres humanos convivem não por escolha, mas por sua constituição vital. Há necessidade de ética porque há o outro ser humano.

Mas, o outro não é apenas o imediato, próximo, com quem convivemos ou com quem casualmente nos deparamos. Ele está presente também no futuro (temporalidade) e está presente em qualquer lugar, mesmo que distante (espacialidade). O princípio fundamental que constitui a ética é: o outro é um sujeito de direitos e sua vida deve ser digna tanto quanto a nossa deve ser. O fundamento dos direitos e da dignidade do outro é à sua própria vida e à sua liberdade (possibilidade) de viver plenamente. As obrigações éticas da convivência humana devem pautar-se não apenas por aquilo que já temos, já realizamos, já somos, mas também por tudo aquilo que poderemos vir a ter, a realizar, a ser. As nossas possibilidades de ser são parte de nossos direitos e de nossos deveres. São partes da ética da convivência.

A ética nos estabelece responsabilidades que devem incluir tudo que envolve a existência humana. Dentre estas responsabilidades, a preservação da vida na terra torna-se a mais urgente. É necessária uma compreensão das relações sociais no mundo atual para compreendermos nossos compromissos morais para salvar o mundo e futuro de catástrofes que possam impedir a vida humana na neste pequeno planeta. É preciso cuidar da ecologia.

Ecologia vem de duas palavras gregas, unidas pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866. Eco = *oikos* que significa “casa” e logia = *logos* que quer dizer “reflexão ou estudo”. Representa a relação, a interação e a dialogação que todos os seres (vivos ou não-vivos) guardam entre si e com tudo o mais que existe. A natureza (conjunto de todos os seres), desde as partículas elementares e as energias primordiais até as formas mais complexas de vida é dinâmica e constitui

um tecido intricado com conexões por todos os lados. A ecologia não abarca apenas a natureza (ecologia natural), mas também a cultura e a sociedade (ecologia humana, social, etc.). Em nível humano exige uma atitude básica: a de relacionar com todos os lados. Isso implica que nossas atitudes, mesmo minúsculas no cosmo, podem ser decisivas no estabelecimento da vida no planeta. Portanto, as questões ecológicas estão relacionadas com a ética e, sobretudo, com a ética empresarial na medida em que ela tem a obrigação de regulamentar às relações sociais no mundo das empresas.

Para isto a ética precisa desenvolver responsabilidades que vão além dos interesses individuais. Assim, a questão ecológica pressupõe uma confluência individual para uma responsabilidade planetária que implica o mundo da economia e conseqüentemente das empresas.

Olhar só para nós mesmos, só para nossas necessidades sem se preocupar com as gerações futuras e explorar o que existe indiscriminadamente, sem critérios de preservação, pode determinar a extinção de vida nos próximos milênios. Isso fere os compromissos éticos. Em virtude do intenso processo de globalização e do crescente aprimoramento tecnológico mundial, nos parece imperativo a determinação de uma conduta ética em níveis realmente universais, nas relações entre os seres humanos e o meio ambiente passando pelo mundo das empresas. O século XX centralizou esses procedimentos no homem, com filosofias e políticas que pareceram esquecer a importância da natureza e de um meio ambiente saudável, até para o próprio ser humano, visto que este é parte integrante e indissociável daqueles.

Temos visto que, a interdependência mundial se dá também sob o ponto de vista ecológico, pois o que se faz num país pode afetar amplas regiões que ultrapassam suas fronteiras, como podemos sentir com as armas químicas e atômicas. Isto significa que a questão ambiental torna-se internacional, com a constatação supra da inevitável interferência que uma Nação exerce sobre outra, por meio das ações relacionadas ao meio ambiente. Portanto, ao lado da globalização

econômica, assiste-se à globalização dos problemas ambientais, obrigando a negociação entre os países, de forma a propor uma legislação onde os direitos e interesses de cada Nação possam ser minimamente limitados em função do interesse maior da humanidade e do planeta.

Hoje, vemos que o conjunto de temáticas relativas não só à proteção da vida no planeta, mas também à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das comunidades, compõem os temas de relevância internacional. Prova disso são as grandes reuniões mundiais, nas quais foram formalizadas as dimensões internacionais das questões relacionadas ao meio ambiente, levando os países a se posicionarem quanto às decisões ambientais de alcance mundial: a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, 1972, em Estocolmo; a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi, 1977, na Geórgia; a Conferência Internacional sobre Educação e Formação Ambiental, 1987, em Moscou; a Conferência Rio/92, no Brasil.

Uma das principais conclusões e proposições assumidas internacionalmente é a recomendação de se investir numa mudança de mentalidade, conscientizando os diferentes grupos humanos para a necessidade de se adotarem novos pontos de vista e novas posturas diante dos dilemas e das constatações. Faz-se necessário um novo paradigma filosófico que resgate a idéia do agir humano, consciente e efetivamente integrado ao seu meio ambiente. Uma efetiva ética de responsabilidade ecológica, não um mero valor universal, mas um **dever-ser**.

Assim contextualizado, evidencia-se a importância de se educar os futuros cidadãos numa nova mentalidade para que, como empreendedores, venham a agir de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e no futuro; como participantes do governo ou da sociedade civil, saibam cumprir suas obrigações, exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda comunidade local e internacional; como pessoas; ampliem a qualidade

de suas relações intra e interpessoais com o ambiente, tanto físico quanto social. É preciso garantir ainda uma profunda mudança de valores e comportamentos morais. Uma educação da consciência para as verdades ecológicas com novas posturas práticas tornar-se mister em nosso tempo.

E, para garantir as condições de vida no planeta, é fundamental que a sociedade imponha regras ao crescimento desordenado, à exploração e à distribuição dos recursos de modo a garantir as condições de vida na Terra. Com isso não estamos defendendo uma limitação aos diferentes “crescimentos” das comunidades, mas a responsabilidade na forma como se dão tais crescimentos, uma idéia de desenvolvimento e de sociedade sustentáveis. Porém, o desafio maior é elaborar uma ética de dimensões ecumênicas, que seja possível e praticável. Não só para cada nação, mas também para todo o globo. E aqui nos cabe a questão: quem pode garantir a prática de uma ética-planetária? Certamente uma ética planetária que leve em conta o mundo empresarial.

A ética traz consigo um alerta para o visível problema ecológico. Mostrando que o progresso tecnocientífico traz conseqüências devastadoras para a natureza e para o ser humano, pondo em risco toda a vida na terra. A ecologia como ciência do habitat: da vida vegetal, animal e humana vem por sua vez, trazer dados da devastação do ecossistema, buscando encontrar uma saída que garanta uma evolução sustentável em todo o planeta. Todavia, mais do que nunca, a pós-modernidade precisa de um novo paradigma ético-ecológico, que priorize o desenvolvimento sustentável e um progresso voltado para a inclusão de todos os excluídos e de uma convivência pacífica entre ser humano e natureza.

É inegável que não há mais um território fixo para o problema ético-ecológico. O problema ecológico nos mostra que a responsabilidade ética não é mais de uma nação em si, contudo, há países que devem assumir uma responsabilidade maior, pois poluem e devastam em maior

escala. A “culpa”, não é só local, porque a responsabilidade deve ser de ordem mundial. Uma vez que, cada Estado-Nação deve assumir seu papel perante a população. Diante de um estado pós-moderno que prioriza o lucro, o consumo, o mercado, a ciência e a tecnologia; a ecologia e a ética tornam-se inúteis, não passando de belas teorias e utópicas distantes da realidade. Quando na verdade deveria ser uma prioridade estatal.

De todo modo, podemos observar que a ética empresarial não tem trabalhado questões ecológicas e responsabilidades sociais em seus tratados. Mais do que abordar o relacionamento entre patrões e empregados, lucros e conquistas das empresas é preciso verificar as condições do planeta e suas responsabilidades com o futuro das novas gerações. Uma ética empresarial que despreze o seu compromisso social não deve ser levada a sério, sobretudo neste momento em que o mundo se globaliza cada vez mais. As opções econômicas, os caminhos do mercado são determinantes para a nova ordem social. Que os estudos de ética empresarial não se limitem a questões meramente internas, mas se abram para os limites deste mundo em sua perspectiva construtiva.

3. O ESTADO DA ARTE EM ÉTICA EMPRESARIAL

3.1 - Ética empresarial no Brasil

O ensino de ética no Brasil foi privilegiado desde o início na *Escola Superior de Administração de Negócios* (ESAN). Esta escola foi fundada em 1941 e sempre deu destaque para o ensino da ética. Em 1992, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) sugeriu que todos os cursos de Administração colocassem em seu currículo a disciplina de ética. Muitas universidades e institutos de educação se comprometeram a assumir tal tarefa. Em 1992, a Fundação Fideus realizou uma longa

pesquisa sobre a ética nas empresas. O resultado desta pesquisa foi publicado no primeiro seminário internacional sobre ética empresarial. Em 1999 esta fundação repetiu a mesma pesquisa tornando seus resultados públicos.

A professora Laura L. Nash da *Boston University* publicou no Brasil seu livro: "Ética Empresarial: boas intenções à parte". Este foi o primeiro trabalho sério sobre este tema publicado no Brasil. A vinda da professora e a publicação do seu livro se deram no primeiro *Seminário Internacional* no ano de 1992. No mesmo ano a fundação Getúlio Vargas, criou o Centro de Estudos de Ética nos negócios (CENE). Porém, a pedido de estudantes e professores a CENE foi ampliada e passou a atender projetos de organizações do governo e também não governamentais. Deste modo, a partir de 1977 o CENE assumiu o nome de Centro de Estudos de Ética nas Organizações. Com esta nova perspectiva, novos projetos foram apresentados.

A CENE-FGV-EAESP foi um centro de irradiação da ética empresarial, proporcionando ensino e pesquisa. Também realizou muitas publicações vindo a contribuir de forma decisiva com o desenvolvimento dos temas relacionados à ética empresarial. Seminários, semanas de estudos foram organizados atraindo inclusive o interesse de pesquisadores latino-americanos e europeus. Em julho de 2000, por exemplo, a CENE-FGV-EAESP sediou o *II Congresso Mundial da ISBEE – International Society of Business, Economics, and Ethics*, instituição que reúne professores e pesquisadores das mais diferentes áreas no campo da ética empresarial. O estudo da ética sempre esteve muito associado ao trabalho teórico e também prático em nível das empresas. Contribuindo desta maneira com o desenvolvimento da ética nas empresas em suas relações internas e externas.

Trata-se de um processo dinâmico que inclui a presença da ética como teoria e como prática no mundo da pesquisa e dos negócios. Em 1998 a ESA – *Ética – Escola de Altos Estudos de Ética Profissional* procurou ampliar a noção de ética para todas as profissões contribuindo

deste modo com a interdisciplinaridade. Em 1998 foi criado em São Paulo o *Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social*. Este instituto tem o apoio de muitas empresas brasileiras e tem colaborado de maneira sistemática com estudos e práticas que combatem a corrupção, pobreza e injustiça social.

Neste sentido, podemos observar que a Ética Empresarial no Brasil tem ocupado seu espaço como teoria da realidade social. Ao mesmo tempo em que realiza estudos interdisciplinares, procurar se inserir no campo da prática econômica procurando equacionar o comportamento de trabalhadores e empresas. Tarefa nada fácil, nesta sociedade globalizada onde o mercado com seus desejos de lucro ainda caracteriza o comportamento dos atores que constroem esta complexa realidade.

3.2 - A bibliografia brasileira de Ética Empresarial

O assunto envolvendo Ética Empresarial ainda não é considerado, em termos editoriais, o tema mais importante por parte da indústria do livro. Tradicionalmente, a literatura brasileira sobre Ética Empresarial reflete as condições de como o tema é tratado nas Universidades e posteriormente, como este assunto é também questionado no âmbito empresarial. Ou seja, ainda em caráter de desenvolvimento. Na verdade, antes de questionarmos a produção e as obras em Ética Empresarial precisamos apontar a cultura do tema nas Faculdades, nos cursos de Economia, Administração, Contabilidade, Marketing aplicado à Administração, que nos parece não legitimar a importância que há na Ética aplicada às empresas. Primeiro, destacar que a ética deve ser um tema estudado e aprofundado pelo professor ou pesquisador que tenha no mínimo, a formação da Filosofia, ou conhecimentos filosóficos como base teórica. Segundo, que haja uma distinção taxonômica e conceitual entre o que é Ética Empresarial e Responsabilidade Social, para que os termos sejam aplicados de acordo com as suas devidas proporções. Sendo assim, é possível

legitimar o tema através de estudos, pesquisas, grupos de discussões, temas de congressos, etc, provocando sua inserção no âmbito dos cursos e nos alunos de graduação.

Por outro lado, as Faculdades de Filosofia que consideram a ética, em termos gerais, como sendo um dos principais temas da área, também devem reconhecer suas especificidades e, portanto, aplicá-las no campo do saber. A ética enquanto conceito e instrumento filosófico, introduzida nas empresas, como em estudo de caso ou como suporte teórico de análises, só vem contribuir para responder as mais variadas questões que apontam para o desenvolvimento e relação entre empregadores, instituições empresariais, empregados.

Afirmamos que a produção científica, em formato de livro, na área de Ética Empresarial ainda nos indica a fragilidade do assunto. No nosso levantamento, considerando a produção nacional, incluindo as traduções, destacando a obra no todo sobre ética empresarial, encontramos algumas publicações mais recentes, o que vem apontar para um desenvolvimento no tema. Contudo, não significa que a ética empresarial não possa ter sido já apontada ou citada em algum capítulo de livro ou alguma revista científica da área de Ciências Econômicas, Administrativas, Contábeis, como também na Filosofia.

No entanto, como efeito de levantamento bibliográfico, proposto de acordo com nossa metodologia, nos interessa a produção científica em livros, apenas como registro. Isto significa que não analisamos o conteúdo dos livros, o que seria determinado por uma outra metodologia, métodos e técnicas.

Portanto, encontramos e destacamos sete obras que abordam a questão de Ética Empresarial. Muitos desses livros apresentam sua edição de 1999 para 2000 e 2001, o que comprova o possível desenvolvimento da especificidade da ética aplicada às empresas. Mas, estas obras não significam que estão à disposição dos alunos nas bibliotecas centrais das Universidades. O que demonstra aqui a distinção

entre a produção bibliográfica em ética empresarial e a sua distribuição ou interesse por parte das Faculdades em aprofundar este assunto e tê-los em suas bibliotecas.

Indicamos a relação de livros e autores em *Ética Empresarial*:

- ARRUDA, M. Cecília Coutinho; WHITAKER, M. do Carmo; RAMOS, José; M. Rodriguez. **Fundamentos de ética empresarial e econômica**. São Paulo: Ed. Atlas, 2001.
- FERRER, O.C.; FRAEDRICH, John; FERRELL, Linda. **Ética empresarial**. Ed. Reichmann e Affonso, 2001.
- HAMBERG. **Ética na política e na empresa**. CLA Editora: São Paulo, 2002.
- LEISINGER, Klaus M.; SCHMITT, Karin. **Ética empresarial**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LUCIO, Carlos Frederico. **Ética empresarial - tópicos atuais em administração**. Campinas: Alínea, 1998.
- MOREIRA, Joaquim Manhães. **A ética empresarial no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- SROUR, Robert Henry. **Ética empresarial: posturas responsáveis nos negócios na política e nas relações pessoais**. Ed. Campus, 2000.
- TEIXEIRA, Nelson Gomes (Org.). **A ética no mundo da empresa**. São Paulo: Pioneira, 1991.
- VIEIRA, Maria Christina de Andrade. **Cotidiano e ética: crônicas da vida empresarial**. São Paulo: Senac, 2001.

3.3 - A pesquisa em bibliotecas

Cumprindo a nossa metodologia no que compete ao Estado da Arte procuremos fazer um levantamento bibliográfico nas duas

principais bibliotecas da UNICAMP e PUC-Campinas para averiguar o que há de Ética Empresarial no acervo. Não muito diferente da realidade editorial, as bibliotecas não possuíam sistematicamente obras que fizessem referência, no todo, sobre ética aplicada às empresas. Normalmente, os assuntos passam pela ética em geral, ou ética aplicada a outras ciências como a jurídica, comunicação, médicas. A seguir os resultados:

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Local: Biblioteca Central.

Resultado do levantamento:

- Encontradas apenas obras em ética em geral na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Encontrado uma publicação (livro) sobre Ética no Trabalho. Biblioteca do IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

SENETT, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC

Local: Biblioteca Setorial.

Resultado do levantamento:

- Encontradas publicações (livros) sobre ética sob o ponto de vista da Filosofia clássica e ocidental, e posteriormente, o tema ética com as devidas especificações:

1. Ética;
 2. Ética profissional;
 3. Ética jurídica;
 4. Ética médica;
 5. Ética jornalística;
 6. Ética comercial;
- No campo de Ética do Trabalho encontramos apenas duas obras (livros) pertencentes aos cursos de Economia, Administração e Contabilidade.
 1. LIMA, Carlos Roberto Cirne. **Ética e trabalho**. In: BOMBASOARO, Luiz Carlos. Rio de Janeiro: SENAC, 1996.
 2. NALINI, José Renato. **Ética geral e profissional**. São Paulo, 1997.
 - Encontradas ainda algumas obras (livros) sobre os demais temas:
 1. Empresa;
 2. Sociedades comerciais;
 3. Negócios;
 4. Direito comercial;
 5. Empresas administração.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da ética empresarial nos apresenta ainda em desenvolvimento, no que se refere à bibliografia brasileira, investimentos de bibliotecas, aplicabilidade, reflexão e estudos por parte dos centros de Filosofia. No entanto, possuímos centros de excelência de pesquisa na área de Economia e Administração, nas grandes universidades de

capitais, que utilizam a ética para compor uma perspectiva às empresas. Mas, no que se refere aos Institutos de Filosofia estarem estudando a ética sob o viés das empresas ainda nos deixam um vasto campo a ser explorado.

Nos nossos resultados empíricos, quando pesquisamos a bibliografia geral, no que compete ao “Estudo da Arte”, observamos o quanto ainda falta para discutirmos, investigarmos e publicarmos. O campo da ética empresarial é um grande desafio para os Institutos de Filosofia, e certamente, um desafio à Filosofia contemporânea aplicada ao Brasil. A questão é que a ética empresarial deveria ser encabeçada pela Filosofia e pelos filósofos atuais. Sob este prisma, depois de termos efetivamente estudado este campo, poderíamos estar inserindo nas áreas de Economia e Administração de Empresas, discussões mais frutíferas e positivas, enquanto elemento destinado a estudar a realidade das empresas.

Na pesquisa nas bibliotecas de duas universidades, Unicamp e PUC-Campinas, também encontramos muito pouco sobre a bibliografia em ética empresarial no campo da filosofia. Os livros mais atuais ainda não estão presentes, significando, justamente, o reflexo de estarmos muito pouco discutindo ou estudando a ética aplicada nas empresas. Até mesmo nos cursos de Economia e Administração este tema aparece distante nas prateleiras da biblioteca.

Neste sentido, entendemos que o tema deverá ser trabalhado em todos os campos: na universidade, nas empresas, nos centros de pesquisa e deve permear todo o trabalho de profissionais do ensino ou do mundo empresarial que estão preocupados com esta questão. Neste momento, em que o mundo busca relações mais fraternas com menor desequilíbrio social, a ética empresarial precisa ocupar o seu espaço. Para a filosofia, resta a tarefa de estimular o debate, pesquisas e estudos neste campo. A ética como sabemos perpassa todas as relações sociais. Seria altamente produtivo que a ética empresarial entrasse para valer nas reflexões e trabalhos dos estudantes e professores de Filosofia. Mais do que isto é preciso interdisciplinaridade entre os diversos campos do saber, onde a ética empresarial pudesse ser objeto

de reflexão. Esperamos que este estudo possa estimular este promissor debate.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNBB - documentos: *Ética, pessoa e sociedade*, nº 50. São Paulo: Paulus, 1999.

CORRÊA, Ana Cristina Martins Simões. *Comunicação e educação: construindo a cidadania. Revista ReVisão - Comunicação, cultura e linguagens intersemióticas*. Ano 1, nº 1, 1º Semestre. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande: UCBC, 2001.

BEOZZO, J. O. (org.). *Por uma ética: da liberdade e da libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.

LEISINGER, L. M., e SCHMITT, K. *Ética empresarial: responsabilidade global e gerenciamento moderno*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLDEN, M. *An independent guide to ethical and green investment funds*. Londres, 5º ed. 1994.

HONECKER, M. *Einführung in die theologische Ethik*. Berlin: De Gruyter Verlag, 1990.

MARCILIO (coord.), Maria Luiza. *Ética na virada do século: busca do sentido da vida*. São Paulo: LTR, 1997.

LUNA, Sergio Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa - uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1998.

RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TUGENDHAT (trad. STEIN, Ernildo; ROCHA, Ronai), Ernest. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1997.